

O CONHECIMENTO DAS CULTURAS

Por Luís A. de Oliveira Ramos

Um conjunto magistral de reflexões consagradas aos descobrimentos lusíadas frisa que, no seu curso, ocorrem contactos variados com gente em fases de desenvolvimento assaz díspares, o que, desde logo constitui um factor de originalidade a considerar.

De facto, a «expansão portuguesa vai encontrar e defrontar-se, nas regiões povoadas dos continentes da África, da América e do Oriente, com civilizações muito diferentes, umas que jaziam num estado rudimentar — os selvagens de costa brasileira — outras que apresentavam, em face dos débeis recursos em gente, em dinheiro e em armas do Portugal de então, organizações políticas e militares consideráveis. Refiro-me não apenas ao poderío turco e aos estados da Índia, mas também aos grandes reinos mandingas e jalofos do golfo da Guiné... que as investigações modernas têm revelado como estando, neste fim do século XV, ainda no apogeu da força e do domínio»¹.

Ora, cada um desses agregados, a exemplo dos impérios do Extremo Oriente, possuía em grau impressivo ou escasso, um movimento de cultura, traduzido em símbolos anímico-espirituais que a todo o ser humano pertencem e em cada civilização assumem força peculiar.

Esses sinais convertem afinal «o que é puro psiquismo no animal

¹ RIBEIRO, Orlando, *Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa*, Lisboa, 1960, p. 17/18.

em algo anímico-espiritual no homem, quer dizer, aquilo que diferencia o anímico-espiritual no homem frente ao puramente psíquico do animal, aquilo que dota o homem, por exemplo, da sua característica tipo consciência, do seu sentimento de liberdade, da sua faculdade de distanciação perante si próprio, da sua possibilidade de rir, da sua aptidão para ser «engenhoso», da sua capacidade de observar as coisas e de se observar a si mesmo, e de poder colocar um terminus ao processo»².

Ora, tais sinais, independentemente da especificidade e da liberdade criadora de cada um, formam um «conjunto de tradições sociais», exprimem uma cultura recebida do ambiente social em que cada povo se cria e desenvolve. São, desde logo, os usos e costumes, as crenças, as tradições orais, a sabedoria, a língua, a música e a dança, os padrões de comportamento, os ideais de vida, as técnicas, por exemplo. Indefinidamente repetidas ao longo das gerações, enquanto constantes de comportamento, esses elementos permitem, na perspectiva antropológica, caracterizar uma cultura³. E foram inúmeras as culturas que os portugueses, ufanos das suas vivências europeias, encontraram no curso da expansão.

Qual na perspectiva antropológica, na perspectiva cultural, a situação em Portugal nos séculos XV e XVI não a sabemos tão bem quanto seria de desejar. Isto porque se os estudos e os dados abundam, a verdade é que não só estamos longe de possuir qualquer ensaio que, em finura de análise se compare ao *Outono da Idade Média*, de J. Huzinga⁴, como, por outro lado, a antropologia histórica tem ainda um longo caminho a percorrer entre nós.

Em relação aos povos com que contactamos, e cujos usos, costumes e tradições ora chocaram, ora seduziram, ora influenciaram os nossos antepassados descobridores, as fontes são, em muitos casos, extremamente esclarecedoras, mesmo quando não totalmente fidedignas.

Entre as mais conhecidas e glosadas figuras a carta de um ilustre cidadão do Porto, Pero Vaz de Caminha, o primeiro e fiel relator da fisionomia dos índios brasileiros que ele pinta na hora histórica da chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, em 1500⁵. Se não dispomos de fonte idêntica em riqueza e raiz lusitana à cerca das navegações de Fernão de Magalhães, certo é que aquilo que ele viu, viveu e registou com

² WEBER, Alfred, *História de la Cultura*, Buenos Aires, 1936, p. 353.

³ DIAS, Jorge, *Ensaio de Antropologia Cultural*, I, Lisboa, 1989, p. 19.

⁴ HUZINGA, J., *O Declínio da Idade Média* [título da versão portuguesa], Lisboa, 1960.

⁵ CORTESÃO, Jaime, *A Expedição de Pedro Álvares Cabral*, Lisboa, 1965, p. 221/257.

interesse no domínio do conhecimento das culturas fixou-o para o futuro a pena de Pigafetta. Mas fonte omnímoda sobre outros homens e outras culturas que o génio português concebeu no século XVI, a fonte poética que outros registos não superam em originalidade e colorido singulares, está na *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto⁶. Em grau maior, o aventureiro, ainda quando a transfigura, fixa a diversidade, desvenda subtis ou fundamentais peculiaridades que em cada dia o instruem sobre sociedades novas, cujos costumes iluminam as enormes diferenças que a condição humana oculta. Não menos famosas, menos conhecidas e bem menos literárias, em muitas das suas páginas, posto que igualmente fundamentais, são as cartas dos jesuítas enviadas do Ultramar.

Às fontes ainda agora mencionadas nos reportaremos, dando voz aos textos, tantas são as lições que eles proporcionam.

Começemos pelos povos de civilização rudimentar e atenhamo-nos às páginas de prosa clara, que um portuense de quinhentos, ávido de riqueza e aventura, redigiu para conhecimento de D. Manuel. São páginas onde luz, por um lado, a cultura de quem as escreveu, por outro as peculiaridades da sua idiossincrasia, por outro ainda, a fisionomia dos povos que lhe foi dado descobrir no Brasil, ponto que, para começar, sobretudo nos interessa. Que sabemos hoje da cultura desses povos?

Em breve síntese, e face a investigações actuais, pode dizer-se que os índios do Brasil se situam então em estádios de desenvolvimento algo dissemelhantes. Por exemplo, os bororos concebiam a agricultura mais rudimentar a cargo das mulheres e a caça como a actividade principal do homem; mas «alguns grupos nem a mais rústica das técnicas agrícolas exercitavam». Praticavam a pesca, a caça e a recollecção. À sua conta, «os indígenas da costa oriental brasileira ignoravam a transição que da recollecção os conduzirá ao cultivo. A vida de uns e de outros era quasi miserável, como o era a dos índios nómadas dos Pampas, caçadores e recolectores dos mais selvagens do continente e dos mais irredutíveis à penetração europeia⁷.

As tribos já empenhadas na agricultura plantavam a mandioca e «como actividade artesanal praticavam a cestaria, com fibras vegetais, e a tecelagem graças ao algodão silvestre. Outros símbolos da sua cultura, têm-los nas tatuagens e nas pinturas que faziam com urucu e jamipapa, «assim como no corte do cabelo, talhado em coroa de padre». Ao contrário do que Caminha inferiu das suas episódicas observações, prejudicadas que foram pelo desconhecimento da língua, eles «tinham

⁶ PINTO, Fernão Mendes, *Peregrinação*, Lisboa, 1988.

⁷ BENASSAR, Bartolomé, *La América española y la América portuguesa (Siglos XVI-XVII)*, s/d., p. 31.

ideia de um ser superior e de divindades inferiores. Veneravam o Sol e a Lua. A autoridade máxima, o pajé, reunia funções de sacerdote, adivinho e curandeiro. Possuíam uma língua complexa, com um vocabulário bastante rico, polissintética e incorporante», da qual resultou a presença maior por estes povos deixada à cultura brasileira actual, a par do complexo da mandioca e do milho vazado este nas dietas alimentares⁸ — aspectos que a Carta a D. Manuel de nenhum modo podia futurar.

Do que foi em termos de choque de culturas o primeiro contacto com os tupis, dá-nos conta, em termos impressionantes, o mesmo Pêro Vaz, reportando-se ao perfil, adornos, sinais de respeito, armamento, bens, alojamento e comportamento dos homens e das mulheres. As reacções do epistológrafo sobre o mundo novo e a nova humanidade denunciam um habitante de Entre Douro e Minho, senhor de espírito aberto e sensível humanidade, atento ao material, mas cioso das possibilidades de acção proselitica nas terras achadas, cujos ocupantes percebe limpos de crença islâmica, cordiais e roídos por funda curiosidade, de que era necessário tirar partido. Por não serem, nem bairristas, nem preconceituosas, as suas descrições exalam uma simpatia que se nutre da paisagem e da observação dos indígenas⁹.

Eis o retrato que deles pinta o primeiro homem do Porto a figurar na literatura de viagens:

«Dali avistamos homens, que andavam pela praia... Nas mãos traziam arcos com suas setas. A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beiços de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, do comprimento de uma mão travessa, da grossura de um fuso de algodão, agudos na ponta como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beiço; e a parte que lhes fica entre o beiço e os dentes é feita como roque de xadrez ali encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar e no comer, ou no beber»¹⁰.

«Os cabelos seus são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta, mais que de sobre-pente, de boa grandura e rapados até por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de ponta a ponta para trás, uma espécie de cabeleira de penas de aves amarelas, que seria do

⁸ MELO, Gladstone Chaves de, *Notas*, in Brotéria, vol. 1, n.º 2, Lisboa, 1968.

⁹ Cf. RAMOS, Luís A. de Oliveira, *Pero Vaz de Caminha em Braga*, in Diário do Minho, de 14/11/1970.

¹⁰ Cf. Caminha, ob. loc., cit., p. 223, 224, 226.

comprimento de um coto, mui basta, mui cerrada, que lhe cobria o touço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, com uma confeição branda como cêra (mas não o era), de maneira que a cabeleira ficava mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia mungua mais lavagens para a levantar»¹¹.

Índios e, em particular, índias sedutoras, bem mais extravagantes, descobriu-se em diversa ocasião. «*Andavam... quartejados de cores, a saber, metade deles da sua própria cor, e metade de tintura preta, a forma de azulada, e outros quartejados de escaqueses. Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tinhamos nenhuma vergonha»¹².*

Um deles «*andava por louçainha todo cheio de penas, pegadas pelo corpo que parecia asseteado como S. Sebastião. Outros traziam carapuças de penas amarelas; outros, de vermelhas; e outros de verdes. E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima daquela tintura; e certo era tão bem feita e tão redonda, e a sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha por não terem a sua como ela»¹³.*

Quanto a divertimentos, a Carta fala de danças e folguedos ao gosto silvícola. Assim, enquanto durou a primeira missa celebrada no Brasil, os aborígenes que estavam na praia, «*com seus arcos e setas, andavam folgando. E olhando-nos sentaram-se. E depois de acabada a missa, assentados nós à pregação, levantaram-se muitos deles, tangeram corno ou buzina e começaram a saltar e a dançar um pedaço»*. Pormenorizando o estilo, explica, adiante, que «*andavam muitos deles [novamente] dançando e folgando, uns diante dos outros, sem se tomarem pelas mãos. E faziam-no bem»¹⁴*. Sobre o tipo de habitação, o degradado Afonso Ribeiro, depois de uma primeira incursão no território índio, disse aos mareantes: «*que não vira lá entre eles senão umas choupaninhas de rama verde e de fetos muito grandes, como de Entre Douro e Minho»¹⁵*. Mas, posteriormente, estiveram os nautas num povoado em que «*haveria nove ou dez casas, as quais eram tão compridas, cada uma como esta nau capitania [diz Caminha]. Eram de madeira, e das ilhargas de tábuas, e cobertas de palha, de razoada altura, todas de uma só peça, sem nenhum*

¹¹ Ibidem, p. 226/227.

¹² Ibidem, p. 231.

¹³ Ibidem, p. 232.

¹⁴ Ibidem, p. 234 e 240.

¹⁵ Ibidem, p. 342.

repartimento, tinham dentro muitos esteios; e de esteio a esteio, uma rede atada pelos cabos, alta, em que dormiam. Debaixo, para se aquecerem, faziam seus fogos. E tinha cada casa duas portas pequenas, uma num cabo e outra no outro. Diziam que em cada casa se recolhiam trinta ou quarenta pessoas, e que assim os achavam, e que lhes davam de comer daquela vianda..., a saber, muito inhame e outras sementes, que na terra há e eles comem»¹⁶. Povos recolectores, habitantes de casas colectivas, portanto, com hábitos comunitários e exigências alimentares limitadas, eis o que àcerca deles refere a Carta, carta que noutra parte refere a existência no Brasil de muitas palmas, «de que comemos, muitos e bons palmitos»¹⁷, nota.

Rudimentares eram também os seus utensílios: por ignorarem o ferro, afirma Caminha, «cortam sua madeira e paus com pedras feitas como cunhas, metidas em um pau entre duas talas, mui bem atadas e por tal maneira que andam fortes»¹⁸. Fora estes machados, possuíam arcs e flechas, assim como almadias de vários tipos.

Com o andar dos dias, os aborígenes começaram a copiar actos reverenciais dos portugueses em relação à Cruz, praticados durante a missa, como, de resto, os marinheiros lhes inculcavam.

Genericamente, a Caminha pareceu «gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença»¹⁹. Daí ao Príncipe competir «cuidar da sua salvação»²⁰.

Antes de nos referirmos às vicissitudes da cultura tupi no curso da colonização e, em particular à acção missionária empreendida pelos portugueses, sublinhe-se que foi bem limitada a herança recebida pela cultura brasileira de hoje dos primitivos habitantes do continente sul americano, o que se compreende dada a sua simplicidade civilizacional e a força complexa e imperativa da cultura europeia. Nesse processo, a língua constitui uma excepção. Com efeito, no Brasil, o português enriqueceu-se com grande número de palavras advindas do tupi. São sobretudo nomes de coisas. Além da língua, ficou, na alimentação do brasileiro, o rasto perdurável do chamado complexo da mandioca, a que se deve acrescentar, o da cultura do milho, uma e outra com ampla irradiação. Por outro lado, trazem a marca indígena certos utensílios de

¹⁶ Ibidem, p. 244/245.

¹⁷ Ibidem, p. 240.

¹⁸ Ibidem, p. 246.

¹⁹ Ibidem, p. 250.

²⁰ Ibidem, p. 251.

ferro ainda hoje fabricados e, do mesmo modo, o uso da rede e o descanso de cócoras, No mais, a cultura indígena foi praticamente absorvida pela cultura portuguesa e mestiçada por outras heranças²¹.

E se a humana simpatia que ressuma da carta certidão dos primeiros contactos entre índios brasileiros e portugueses foi amiude submersa pela brutalidade do domínio colonial, não é menos certo que um complexo jogo, protagonizado pelas duas partes, marca o desenvolvimento de tais relações.

Esse jogo, e as suas vicissitudes, nos primórdios da colonização, perpassa, com nitidez, na epistolografia jesuítica, em cujos textos a capacidade de observar, reflectir e agir se fundem.

Apóstolos denodados, os padres querem integrar os índios no mundo cristão e, do mesmo passo, querem proporcionar-lhes os benefícios, não pedidos, da civilização europeia. Abrazados pela fé e pela simpatia, contornam escolhos de toda a espécie para penetrar a realidade cultural indígena e assim lograr a catequização. Anemiza-lhes o projecto um sem número de preceitos (e preconceitos) laicos e eclesiásticos importados da Europa, a par da habitual iniquidade de muitos colonizadores, corajosos face ao primitivismo dos silvícolas, infrenes quando se trata de dominar, enriquecer e gozar.

Ninguém melhor do que Vitorino Nemésio auscultou o quotidiano da missão e os seus resultados em termos de conhecimento cultural vivencialmente adquirido. Com ele, n' *O Campo de São Paulo*²², descobrimos os jesuítas momento a momento confrontados já com o insólito dos costumes e a diferença das mentalidades, já obrigados a tentar a inovação, nomeadamente em domínios que só aos contemporâneos foi dado trilhar.

Por exemplo, a um padre de sólida formação, como era Manuel da Nóbrega, a nudez dos índios criava problemas de consciência complexos. Preocupava-o decidir se devia ou não baptizar os indígenas que lhe pediam esse sacramento sem terem «*camisa, nem roupas para se vestirem*»²³.

Ao expôr o problema a um superior, começa por admitir uma resposta negativa já «*que parece que andar nu é contra a lei de natura, e quem não a guarda peca mortalmente*», ficando inapto para receber o baptismo. Todavia, olhando a realidade que tão de perto vivia, aflige-o a dúvida e logo pondera: «*eu não sei quando tanto gentio se poderá vestir, pois tantos mil anos andou sempre nu, não negando ser bom*

²¹ Cf. MELO, ob. e loc. cit.

²² NEMÉSIO, Vitorino, *O Campo de São Paulo*, Lisboa 1945.

²³ Cf. NEMÉSIO, ob. cit., p. 265.

persuadir-lhes e pregar-lhes que se vistam e metê-los nisso quando poder ser?»²⁴

Questão menos acutilante, por não dizer respeito ao baptismo, sacramento de introdução na comunidade católica, mas saliente, quer por denunciar evidente saber da cultura indígena, quer por visar a eficácia do apostolado, respeita ao uso da música e da coreografia locais como adjuvantes da missionação.

Surgiu o tema quando certo jesuíta, observador atento da índole dos aborígenes, escreveu para o Reino algo que, na essência, se reduz a dois pontos, um grave, outro irónico, ambos sintomáticos:

1 — Parece-me, «segundo eles [índios] são amigos de coisas musicas, que nós tocando, e cantando entre eles, os ganharíamos»...

2 — «Se viesse cá algum tamborileiro e gaiteiro parece-me que não haveria principal que não desse os seus filhos para que lhos ensinassem»²⁵.

Noutra ocasião, formula nestes termos, de crua franqueza e clara visão, o problema que o inquietava:

«Se nos abraçarmos com alguns costumes deste gentio, os quais não são contra a nossa Fé Católica, nem são ritos dedicados a ídolos, como é cantar cantigas de Nosso Senhor em sua língua, pelo seu tom» e «tanger seus instrumentos de música» «que eles em suas festas [usam] quando matam contrários, e quando bêbados... isto serve para os atrair e deixarem os outros costumes essenciais», «permitindo-lhes e aprovando-lhes estes, trabalhar por lhes tirar os outros».

Justamente por se tratar de uma proposta com virtualidades, tão concordante era com a maneira de ser dos índios brasileiros, Nóbrega decidiu acerca dela pedir o alvitre «dos principais letrados da Universidade» de Coimbra e sugerir que o assunto fosse objecto de «disputa no Colégio» da Companhia de Jesus sediado naquela cidade²⁶.

Como se vê, trata-se de um texto curiosíssimo, pois, além de mostrar entendimento da afectologia indígena, já o frisamos, evidencia a capacidade do missionário para distinguir o accidental do essencial na sua tarefa, outrossim denunciando apêgo ao fim último, qual era catequizar tirando partido das predilecções musicais dos indígenas para firmar a outra visão do mundo e da divindade. Alguém, há 35 anos, viu nesta ou noutra proposta análoga um sinal de folclorização do apostolado²⁷,

²⁴ Ibidem.

²⁵ Ibidem, p. 277.

²⁶ Ibidem, p. 266.

²⁷ Refiro-me a Vitorino Nemésio, ob. cit., p. 273 e segs.

quando mais não era do que um acto sociologicamente fundamentado, análogo, em matéria de ritmo e melodia, a outros hoje de uso comum.

Qual a reacção dos indígenas, fechados nas suas tradições culturais, face à pertinácia catequética dos jesuítas?

Quando a curiosidade, o temor, ou a crença não imperam, o aborígene usa, ora a violência, ora toda a sorte de artes para resguardar as suas heranças sociais, para garantir a perenidade da sua maneira de estar no mundo.

Em determinada aldeia, querendo sabotar uma acção proselitica, os silvícolas empestaram as respectivas habitações, fazendo fumaças insuportáveis, crentes que desse modo espantariam os missionários, o que afinal não aconteceu, tal o empenho dos jovens que a protagonizavam. Uma carta do Brasil invoca deste modo a vitória da Fé contra a ingénua artimanha dos índios:

«Nalgumas casas... para que não fossemos lá, faziam fogo, e queimavam sal e pimenta para que, com a força e fedor, não passássemos; e nós contudo visitavamos as casas todas com a Cruz levantada». E com *«cantares de Nosso Senhor»* acabaram por os consolar e persuadir²⁸.

Situação perversa encontraram noutra aldeia, *«onde havia grande quantidade de vinho e carne dos contrários»*. Aí os pequenos missionários foram bem recebidos, *«mas a palavra dos meninos conseguiu que, enquanto lá estivessem, a nefanda vianda não saísse do bojo das salgadeiras»*, refere Vitorino Nemésio²⁹.

Mau grado tais surpresas e chocantes vivências, o Brasil era terra aberta à catequização, também ela cerceada pela conduta de clérigos reinóis, mais preocupados com o seu bem estar e fazenda do que com o exercício e adequação do seu múnus à realidade da cultura indígena. Como é sabido, muitos deles foram para o Ultramar degredados e entre os bispos alguns não revelaram, quando em exercício, capacidade pastoral. Os sacerdotes fracos, uma vez nas colónias, quedaram-se pelas suas casas, pelas suas paróquias, demasiado atentos aos da sua raça, carentes de entusiasmo e de vocação apostólica que tão precisa era para catequizar quem tinha outros costumes, outras crenças. Estranhavam a mentalidade e os hábitos locais sem os compreenderem. Daí falar-se de um excesso de clérigos em cidades do Ultramar e da sua falta onde muito havia a fazer; daí a existência de prelados incompetentes ou demasiados presos a modelos europeus, modelos que gostariam de ver copiados por

²⁸ Cf. NEMÉSIO, ob., cit., p. 273.

²⁹ Ibidem, p. 275.

comunidades com outro grau de civilização, com outra idiossincrasia e cultura. Ergueram-se, é certo, dioceses que vieram até nós, construíram-se grandes catedrais e outros templos, os padres, além de apoiarem religiosamente as comunidades que estavam a seu cargo, foram voluntária e involuntariamente agentes da cultura e da civilização que representavam junto dos povos indígenas. Mas, nas Américas, eclesiásticos houve que se tornaram capelães de proprietários rurais, talvez para subsistirem, talvez por preguiça. Os maus hábitos e o apêgo à escravatura de que deram testemunho, funcionaram como exemplos negativos, afectando a evangelização³⁰.

Concretamente, no Brasil, segundo Nóbrega, actuaram responsáveis inadaptados «*negligentes*». Por exemplo, os padres do bispo Sardinha só por dinheiro desempenhavam as tarefas espirituais a seu cargo³¹.

O grande apóstolo deplorava, é outro exemplo, a incapacidade desse prelado para compreender justamente a especificidade do trabalho missionário na terra em que acontecia, cujo gentio tinha parâmetros sociais e culturais completamente diferentes dos da metrópole, parâmetros a que era mister atender a fim de garantir a pregação da fé.

Este alto desiderato afigurava-se, a outro padre, mais útil ao Senhor e mais rico do ponto de vista do saber dos homens que toda a espécie de estudos realizados nesse santuário dos livros que Coimbra constituía. Daí convidar os padres intelectuais, residentes na cidade universitária, a descer às florestas do Brasil imbuídos, isso sim, de caridade, pois junto dos aborígenes encontrariam «*toda a livraria do Colégio*», ou seja, tudo o que ela ensinava e ainda o que as bibliotecas não continham³².

Fontes de conhecimento e informação, espelhos de zêlo proselítico, e de tudo o mais, assim foram os contactos com os mundos novos, mesmo quando o saber novamente adquirido quase se esgota na diversidade dos ritos. Eis o que descobrimos ao ler um passo da *Verdadeira informação das terras do Preste João*, do padre Francisco Alvares, que lá esteve em 1520, integrado numa embaixada. Da sua obra, traduzida em várias línguas (francês, castelhano, alemão), parece-nos curioso e sintomático, na perspectiva apontada, o texto em que dá conta de uma audiência pelo Preste concedida ao embaixador português, durante a qual o rei não o

³⁰ Cf. RAMOS, Luís A. de Oliveira, *Da Cruzada à Acção Missionária*, Braga, 1948, p. 9/10.

³¹ Cf. NEMÉSIO, ob. cit., p. 267.

³² *Ibidem*, p. 271.

ouviu em pessoa, tão peculiar, tão diferente, tão arcaico e repetitivo era o cerimonial, o mesmo é dizer a cultura cortesã do mundo em que Francisco Álvares nos introduz. De resto, o texto, para além do que traduz quanto ao cerimonial numa civilização africana evoluída, mas menos refinada que as do subcontinente indiano, ou então, claramente, do que a japonesa ou chinesa, deixa perceber, ainda que tenuemente, os objectivos que regiam o monarca abexim e a razão da aliança na forja com Portugal, Atenhamo-nos, pois, ao que conta o P.^o Álvares:

«No primeiro dia do mês de Novembro, já era noite, nos mandou chamar o Preste. Chegando à porta ou entrada do primeiro circuito da sebe, achamos aí porteiros e fizeram-nos esperar mais uma hora, ao grande frio e vento seco que fazia. De onde estávamos víamos muitas velas acesas que homens tinham nas mãos. E estando assim a esta entrada, porque nos não deixavam passar os nossos deram dois tiros de espingarda. Veio logo um recado do Preste: porque não trazíamos do mar mais espingardas? Respondeu o embaixador, que não vínhamos para guerra, e que por isso não trazíamos armas, somente três ou quatro espingardas, que os homens traziam para seu defensamento. Estando nós assim, vieram cinco destes principais, entre os quais era um Adrugaz a quem fomos entregues quando chegámos, e nos fez tornar atrás. Chegando este a nós com o recado do Preste, fizeram sua reverência acostumada, e nós com eles, e começámos a andar e teríamos andado cinco ou seis passos e estivemos quedos, nós e eles. Estes cinco estavam entre nós em ordem, e no cabo deles estavam dois homens com umas velas acesas nas mãos. Estes mensageiros que nos guiavam começaram cada um por sua vez, a dizer, hunca hiale huchia abetõ, que quer dizer: o que me mandaste senhor aqui o trago. E cada um disse estas palavras bem dez vezes; quando um acabava começava o outro. E assim corriam todos. Tanto disseram isto, até que de dentro ouvimos uma voz dizer: — cafanhinha, — hum com companhia & dexiam afi — e em mais alta voz de que os de fora, que quer dizer: andai para dentro. Andámos outro pouco. Tornaram a estar quedos e nós com eles e tornaram a dizer as mesmas palavras, até que de dentro lhes responderam como da primeira vez. Destas pausas fizeram bem dez da primeira entrada até à segunda, e cada vez que de dentro diziam cafanhinha (porque é palavra ou licença do Preste) os que nos guiavam e nós com eles abaixávamos as cabeças e as mãos no chão. E à segunda entrada começaram a dizer outro cantar, e é este: Capham hia cainha a franguy abeto, que quer dizer: os frangos que me mandaste aqui os trago senhor, e isto diriam outras tantas vezes como as de atrás. Esperavam resposta de dentro, e assim de pausas em pausas chegámos a um estrado e diante dele estavam 180 velas acesas,

muito em ordem e para se não desmandarem umas das outras aqueles que as seguravam tinham diante de si, nas mãos, umas canas muito compridas atravessadas na altura do peito, e assim estavam as velas todas em ordem»³³.

Expressivamente, o capítulo intitula-se *De como sendo o embaixador chamado pelo Preste, o não ouviu em pessoa*, título que é de si uma informação e um testemunho de decepção que, amiúde, marca contactos julgados fundamentais.

Isso mesmo ressuma, com mais viveza, de um célebre capítulo da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, onde se dá conta do curso das negociações políticas e, bem assim, de uma tentativa de catequização conduzida pelos jesuítas, no Extremo Oriente. Vem o assunto tratado no cap. 225, cuja epígrafe é: *Como o Padre Mestre Belchior se viu com el-rei de Bungo e do que passou com ele*.

Aí escreve o seguinte:

«Recolhido eu para a casa onde pousava dei ao Padre Mestre Belchior do gasalhado com que el-rei me recebera e de tudo o mais que passara com ele e de quão alvoroçado [o monarca] estava para o ver»³⁴.

Seguidamente, o viajante descreve a audiência diplomático-catequética entre o soberano e o jesuíta e a reacção, a um tempo clara, a outro evasiva, do potentado asiático, cujo teor denuncia situações e procedimentos orientais que, noutro tempo e noutro contexto, me fizeram lembrar experiências que eu próprio vivi nessas distantes partes do Orbe.

Assim, uma vez no palácio, o padre pronunciou *«uma santa prática, a modo de sermão, que já para isso levava estudada, lhe foi tratando nela de tudo o que convinha. A que ele-rei respondeu: não sei com que palavras te encareça, padre bem aventurado, o muito gosto que tenho de te ver nesta casa e assim tudo o mais que minhas orelhas te tem ouvido, a que não respondo por estar o tempo de maneira que terás sabido, pelo que te rogo muito que já que te Deus aqui trouxe queiras descansar do trabalho que por seu serviço tens levado; e ao quanto ao que o vice-rei me escreve acerca do que lhe escrevi por António Ferreira, ainda agora me não desdigo, porém o tempo agora ao presente está de maneira que temo muito que se meus vassallos virem em mim alguma mudança, lhes pareça bem o conselho dos bonzos, quanto mais que bem*

³³ Utilizamos a transcrição, em português corrente, contida in FONSECA, Branquinho, *As Grandes Viagens Portuguesas*, Lisboa, s/d., p. 118/119. Ver também, Francisco ALVARES, *Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias* (Introdução e Notas de Neves ÁGUAS), Lisboa, 1989, p. 146/149.

³⁴ Cf. PINTO, Fernão Mendes, *Peregrinação*, p. 713/714.

sei que já pelos padres que aqui estão debes de ter sabido quão arriscado estou nesta terra, pelo que aconteceu nos alevantamentos passados, em que corri tanto perigo quanto outro homem nenhum correu, pelo que me foi necessário por segurar minha pessoa, matar uma manhã treze senhores os principais do reino, com dezasseis mil da sua consulta e conjuração, a fora quasi outros tantos que desterrei e me fugiram. Mas se Deus alguma hora me der o que minha alma lhe pede não será muito condescender com que o vice-rei na sua carta me aconselha. O padre lhe tornou que muito satisfeito estava do seu bom propósito mas que lhe lembrasse que a vida não estava na mão dos homens, pois todos eram mortais, e que se ele acertasse de morrer antes de o efectuar que onde iria a sua alma?»³⁵.

Depois, vendo que o rei não estava receptivo aos seus intentos, o padre, usando de dissimulação, fez a conversa enveredar noutro sentido, mais do agrado do seu interlocutor. E este «o despediu com palavras honrosas e bem concertadas, pondo-lhe a esperança de se fazer cristão um pouco ao longe, de que a causa ficou por então bem entendida de todos. Ao outro dia, duas horas depois da véspera, o padre se tornou a ver com el-rei, e deixando à parte o muito gasalhado que lhe fez, como costumou sempre, no mais do que se tratava com ele nunca falou a propósito, mas tornando-se dali da cidade para a sua fortaleza de Osqui, lhe mandou dizer que se ficasse embora e que lhe rogava que não deixasse de o ver dali a alguns dias, porque gostava muito de falar das grandezas de Deus e da perfeição da sua lei. Passados mais dois meses e meio no que el-rei neste caso não deu mais de si que somente algumas esperanças, acompanhadas às vezes de algumas desculpas que ao padre não satisfizeram, lhe pareceu bem ao padre tornar-se para a Índia, assim para cumprir com a obrigação do seu cargo, como por outras razões que para isso o moveram»³⁶.

A par do testemunho sobre a maneira de negociar oriental, o texto inclui exageros a que Fernão Mendes era dado e põe a nu a dissimulação e habilidade usada pelo padre-diplomata para criar ambiente propício à sua missão em terra que sabe com outros hábitos, com outra mentalidade, com outros problemas.

No Extremo Oriente, e concretamente no Japão, a que agora nos estamos a reportar, os portugueses enfrentam uma civilização de primeiro plano, cujos habitadores amiúde surpreendem a rudeza dos nossos costumes risíveis e bárbaros, por exemplo, na maneira de comer.

³⁵ PINTO, ob. cit., p. 714.

³⁶ PINTO, ob. cit., p. 714.

Dá saborosa farsa que, para documentar esta ideia, Fernão Mendes atribui à filha de um rei, encenação que mete a ridículo os europeus por comerem com as mãos, sujando-se, enquanto os seus hospedeiros, para guardar o requinte e a higiene, usavam pauzinhos ao tomar os alimentos. A princesa interpretou a cena por ocasião de uma audiência no palácio real, vestida de mercador velho, rico, com quatro mulheres e inúmeros filhos, o qual solicitava autorização para mostrar a sua mercadoria. Obtida a permissão, voltou com seis donzelas da corte, disfarçadas de familiares do mercador, com os artigos de comércio enfardados. E passando a *«uma dança, ao seu modo muito bem concertado, ao som de duas harpas e uma viola de arco ... de quando em quando diziam em trovas, com falas muito suaves e muito para folgar ouvir: alto e rico Senhor de riqueza porque és te lembra da nossa pobreza. Somos miseráveis em terra estrangeira, desprezados da gente por nossa orfandade, com desprezos e grandes afrontas, pelo que Senhor te pedimos que porque és te lembras da nossa pobreza. E assim a este modo, que na sua língua eram trovas muito bem feitas, disseram mais outras duas ou três repetindo sempre no fim de cada uma delas, por quem és te lembra da nossa pobreza. Acabada a dança e a música, se puseram todos de joelhos diante de el-rei e depois que o mercador com outra prática muito bem concertada lhe deu as graças da mercê que lhe queria fazer de lhe fazer vender aquela fazenda, os seis desembrulharam os envoltórios que traziam e deixaram cair na casa uma grande soma de braços de pau, como os que cá se oferecem a Santo Amaro, dizendo o mercador, com muita graça, com palavras muito discretas, que pois a natureza por nossos pecados nos sujeitara a nós outros a miséria tão suja que necessariamente as nossas mãos haviam sempre de andar fedendo ao peixe ou à carne, ou ao mais que comíamos com elas, nos armava muito aquela mercadoria porque enquanto nos servissem umas mãos se lavariam as outras. A qual cousa el-rei e rainha festejaram com muito riso e nós todos cinco estávamos tão corridos que entendendo el-rei nos pediu muitos perdões, dizendo que porque a princesa sua filha visse quão tamanho bem ele queria aos portugueses lhe dera aquele pequeno passatempo, de que nós somente como irmãos seus fomos participantes. A que nós respondemos que Deus Nosso Senhor pagasse por nós a Sua Alteza aquela honra e mercê que nos fazia...»*³⁷

Como se verifica, na altura, ficaram os portugueses bem atrapalhados e conscientes da subtileza da lição — lição da qualidade dos costumes e da superioridade da civilização local — pontos muitas vezes sublinhados

³⁷ Ibidem, p. 709/710.

por Pinto, mas também lição de um processo de desenvolvimento das relações diplomáticas religiosas e comerciais, de seguida relatado na *Peregrinação*. De facto, pela manhã, o rei chamou os portugueses e «*se informou miúdamente da vinda dos padres da tenção do vice-rei, da carta, da nau, das mercadorias que trazia e de outras muitas particularidades*»³⁸.

A meu ver, os textos apresentados constituem, como muitos outros, um testemunho do que foi o conhecimento das culturas no curso da expansão ultramarina, do modo como ocorreu e da complexidade de que se revestiu.

Evidenciam também que, a par da necessária reflexão teórica, há que atender às lições que a prática, traduzida nas obras impressas, tão elucidativamente proporciona. E, quando no curso da pesquisa, desejamos encontrar municões, o mesmo é dizer elementos novos, ao lado dos mais recentes esforços indagativos, bom é não esquecer as fontes antigas pelos nossos autores produzidas.

Essas fontes, marcadas pela atenção à pluralidade do humano, e pelos sinais da sua velhice, nem por isso deixam de dizer imenso sobre o mundo que os portugueses trouxeram ao conhecimento dos europeus. A elas devemos voltar com espírito crítico, sem preconceitos, quando agora se fala do diálogo Norte-Sul, dos contactos intercontinentais, da salvaguarda das culturas, num contexto de prevalência tecnológico, cujas teias envolvem o globo terrestre. De facto, tais fontes, apoiadas pela mais recente reflexão, proporcionam um melhor conhecimento do passado e um saber útil aos homens do século XX. Por isso, decidi, hoje, ler, de preferência a dissertar. Ler convosco páginas antigas e abrir, talvez, a vossa, a minha curiosidade para um reencontro com os nossos textos antigos, com problemas de amanhã no passado entrevistados. Um passado gizado à escala do Orbe, Orbe que as novas tecnologias põe ao alcance de todos e não apenas de um pequeno povo que à frente de outros desejou conhecê-lo a partir do século XV.

³⁸ Ibidem, p. 710.

